



O Educandário Santo Antonio ganhou renda de Carnaval em evento alegre no Clube Basa

• PAG 4 e 5



Fátima Saboia com o cantor PP Junior e sua mãe, Dona Helena de Jesus

Uma grande produção de filmes nacionais sendo anunciada para este ano nas telas de São Luís

• PAG 2 e 3

Divulgação/Ayrton Vale



NATÁLIA

Seipel, advogada internacionalista, com uma trajetória marcada pelo compromisso social, atua na expansão internacional de empresas brasileiras e compartilha seu conhecimento por meio de mentorias em oratória e cultura

• PÁG. 6

Eduardo Galeano, o grande escritor uruguaio, me disse, certa vez, em Montevideu, meses antes de seguir rumo à eternidade, que a página em branco (no papel ou na tela do computador) ainda lhe causava terror. O gaúcho Luiz Fernando Veríssimo tem uma explicação igualmente desconcertante para o seu incomparável talento de escritor e cronista. Diz que sua inspiração é o pânico - o pânico do prazo de entrega dos textos que assina em jornais e revistas.

Sempre que enfrento essas duas situações, a página em branco e o horário de fechamento deste caderno, penso nesses monstros sagrados da escrita e nas suas curiosas confissões. Mas quem realmente me estimula a seguir em frente são os leitores anônimos que enchem o meu correio eletrônico de comentários sobre o que escrevo. Alguns, favoráveis. Outros, nem tanto.

PÁGINA EM BRANCO

e o terror das coisas simples que dão sentido e encanto à vida

Galeano soube muito pouco da minha existência, Veríssimo talvez até se lembre de que conversamos umas duas vezes - uma delas, quando ficamos deslumbrados com o espetáculo do Boi Bumbá, em Parintins, no Amazonas. Mas não são poucos os leitores anônimos que transitam com desenvoltura pelo mundo das palavras e chegam a ministrar verdadeiras oficinas de texto e que sempre encontram tempo para ler o que escrevo e para me mandar

uma mensagem de carinho e incentivo. Generosos, eles pinçam uma expressão ou um parágrafo menos rotineiro e disparam e-mails açucarados de simpatia. Escrever - concluo por experiência própria - também é uma questão de autoestima.

Outro dia li um interessante artigo de um professor de filosofia sobre o sofrimento dos torcedores de futebol. Quando seu time perde, ele conta, fica pouco produtivo, foge-lhe a inspiração,

custa a se recuperar. Parece exagero, mas a frustração de uma expectativa, por menor que seja, tem o poder de nos abater. Somos assim, movidos a motivação. Uma reprimenda estraga o nosso dia. Um elogio nos eleva o espírito e nos faz ver a vida com olhos de crença e esperança.

Só não podemos nos deixar enganar: muitas vezes a crítica é mais importante do que o elogio. Sem qualquer desconsideração às gentilezas de meus leitores e amigos, sempre aprendi mais com as críticas do que com eventuais louvações. Fico, evidentemente, envidado com o carinho de suas mensagens.

Mas elas servem, acima de tudo, para me lembrar que um sorriso, uma palavra gentil, um elogio sincero, um gesto de atenção, todas essas coisas simples, têm o poder de dar sentido e encanto à vida.

Fotos/ Reprodução



Adrien Brody brilha como o arquiteto judeu László Tóth e ganhou um Oscar de Melhor Ator por seu trabalho em O Brutalista

NO CINEMA, A BUSCA PELO SONHO

Apenas 12 pessoas na plateia para assistir um dos filmes mais badalados do Oscar de 2025: "O Brutalista", apesar de ter conquistado o Oscar de Melhor Ator, parece que não despertou muito o interesse do público maranhense.

Pelo menos foi o que ficou evidente na sala de cinema de um dos shoppings mais badalados da cidade na noite da última segunda-feira.

Pouca gente para conferir uma obra que se destaca como um épico drama histórico, imergindo os espectadores na jornada de László Tóth, um arquiteto judeu que, após sobreviver ao Holocausto, busca reerguer sua vida e carreira em solo americano. O filme, dirigido por Brady Corbet, é uma explosão visual e um testemunho da resiliência humana.

Confesso que sou fã de Corbet e a direção do filme é notável, trazendo à tela uma narrativa que cativa e emociona. A construção dos personagens é profunda, permitindo que o público sinta cada nuance da dor e da esperança de László. A escolha do elenco, especialmente a performance de Adrien Brody, é magistral. Ele encarna um homem dividido entre suas memórias traumáticas e a promessa de um novo começo.

A fotografia do filme é um dos seus

trunfos mais evidentes. A paleta de cores sombrias das cenas da Europa pós-guerra contrasta de maneira fascinante com a luminosidade do sonho americano que László busca. Cada cena é um quadro cuidadosamente elaborado, com composições que capturam a gravidade da história enquanto celebram a beleza do renascimento.

Além da estética visual, o uso de Inteligência Artificial na produção suscita um debate interessante. Embora possa levantar questões sobre autenticidade e criação, a implementação de IA complementa de maneira sutil a narrativa sem desviar o foco emocional. As inovações tecnológicas se integram ao processo criativo, proporcionando um dinamismo que reflete a modernidade da história.

Os cenários, tanto urbanos quanto rurais, são meticulosamente construídos, fazendo com que a época e o contexto social ganhem vida. Assim, o público é transportado para a Pensilvânia da década de 1950, onde László tenta se adaptar a um ambiente completamente diferente do seu lar.

O filme também faz um excelente trabalho ao explorar temas como identidade, pertencimento e a busca incessante pelo sonho, que ressoam até os dias de hoje. O dilema entre a

memória e o futuro é central, mostrando como o passado molda as decisões e expectativas de László. Essa dualidade é capturada de maneira sensível, demonstrando um profundo entendimento da condição humana.

No entanto, algumas escolhas narrativas podem deixar o espectador se perguntando. Enquanto a história flui de maneira envolvente, há momentos em que o ritmo parece sofrer com transições abruptas, o que pode criar uma leve desorientação. Apesar disso, essas instâncias não comprometem a experiência geral.

A trilha sonora, com suas composições melancólicas, intensifica ainda mais o impacto emocional do filme. Ela não só ambienta as cenas, mas também se torna um reflexo do estado interno de László, sublinhando sua jornada de dor e resiliência.

Em suma, "O Brutalista" é uma obra contemporânea que mistura arte, história e tecnologia. Através de sua narrativa envolvente, atuações poderosas e uma direção visionária, o filme nos convida a refletir sobre o passado e a possibilidade de recomeços, solidificando-se como uma análise profunda da condição humana e do espírito indomável na busca pelo sonho.

UM ARQUITETO VISIONÁRIO

Até agora não consegui entender a razão da maioria dos arquitetos ter se posicionado contra o filme que, queiram ou não, é espetacular. A película conta a história de um arquiteto visionário que foge da Europa para os EUA e é contratado por um cara rico para construir uma casa para ele que seja única.

Esse arquiteto passa a conviver com o contratante até se estabelecer enquanto espera que a sua família se junte a ele.

Nesse meio tempo ele desenha alguns esboços para que tudo saia perfeito mas o contratante muitas vezes não concorda com ele causando alguns conflitos. É uma obra prima. O elenco é cheio de estrelas, as atuações são impecáveis, a trama é cheia de reviravoltas, a fotografia é linda, os figurinos são perfeitos levando em conta a época em que o filme se passa.

O Brutalista, desde a sua concepção, parece ter sido planejado para ser um candidato natural às grandes

premiações. Com um tema denso e contemporâneo, abordando o pós-guerra e a jornada de um imigrante em busca do chamado "sonho americano", o filme toca em questões sociais relevantes e de grande impacto. Além disso, o longa conquistou o Leão de Prata no Festival de Veneza, consolidando Brady Corbet como um diretor de peso. No entanto, se por um lado o filme busca entregar uma experiência artística única, por outro, sofre com escolhas estilísticas que o tornam excessivamente rígido, introspectivo e, por vezes, monótono. Corbet, ao invés de simplesmente contar uma história, impõe uma estética que busca reproduzir o próprio movimento brutalista de forma visceral, o que pode afastar grande parte do público.

Saimos do cinema com a sensação de que Corbet não quer apenas que O Brutalista seja compreendido, mas sim sentido. A frieza e rigidez do movimento arquitetônico são transportadas para a tela de maneira quase experimental. O

filme não se contenta em apenas usar o brutalismo como pano de fundo narrativo, mas sim aplicá-lo em sua própria estrutura. A forma como a câmera é posicionada, sempre remetendo a ângulos imponentes que simulam a ascensão de um prédio, os cortes abruptos na edição e a fotografia que privilegia tons de concreto e cinza fazem com que a experiência do espectador se assemelhe à contemplação de uma obra arquitetônica fria e intransigente.

A proposta de Corbet é sem dúvida ambiciosa, e em muitos momentos funciona. As sequências em que o protagonista projeta suas construções, a forma metódica como cada elemento é planejado e o impacto visual da arquitetura na tela são pontos altos. Quando o filme se debruça sobre a grandiosidade do brutalismo, há uma verdadeira imersão estética. Entretanto, o problema surge quando Corbet aplica essa mesma rigidez à narrativa.

UMA NARRATIVA ENVOLVENTE

A trajetória do protagonista, vivido por Adrien Brody, é um prato cheio para uma narrativa envolvente. Como imigrante tentando se estabelecer em uma nova terra, enfrentando dificuldades e preconceitos, o personagem tem um arco que poderia carregar facilmente um drama poderoso. E Brody entrega uma performance excelente, reforçando sua capacidade de se transformar para papéis intensos e complexos. Seu desempenho é um dos grandes trunfos do filme, dando vida a um personagem que carrega nos olhos o peso de sua luta. No entanto, a narrativa se mostra fragmentada e sem um real desenvolvimento coeso. A primeira parte do longa estabelece bem o contexto e tem um ritmo envolvente, mas após a pausa de 15 minutos, a trama se arrasta em um ritmo estagnado. Mesmo com passagens de tempo e mudanças na vida do protagonista, o filme transmite uma sensação de imobilidade – o que pode ter sido uma escolha consciente para refletir a solidão do brutalismo, mas que, na prática, resulta em um desgaste para o público.

Diferentemente de outros filmes longos que conseguem manter o

espectador imerso, O Brutalista torna suas mais de três horas perceptíveis e, em muitos momentos, cansativas.

Além disso, o longa introduz debates sobre imigração, adaptação cultural e luta por reconhecimento, mas nunca os desenvolve com profundidade. Corbet parece mais preocupado com a estética do que com a substância da narrativa. O filme começa com grande impacto, mas aos poucos vai se tornando repetitivo, perdendo a força inicial. E quando a história tenta assumir uma nova direção, misturando elementos de vingança e redenção, a mudança soa abrupta e desconectada do que foi construído até ali.

Não se pode negar que O Brutalista é uma obra visualmente impressionante e conceitualmente ambiciosa, mas que sofre por suas escolhas narrativas. Corbet claramente quer que o público viva a experiência do brutalismo na tela, e isso se reflete em cada aspecto técnico do filme. O problema é que, ao se prender tanto a essa estética, ele sacrifica o ritmo e o desenvolvimento da história, tornando o filme mais uma experiência artística do que um

drama envolvente.

Adrien Brody brilha no papel principal, entregando uma atuação digna de reconhecimento, mas até seu talento tem dificuldades para sustentar o filme por completo. No fim, O Brutalista é uma obra que impressiona pelo rigor estético, mas que pode frustrar pela falta de dinamismo narrativo. É um filme que exige paciência e que pode conquistar alguns espectadores pelo impacto visual, mas que, para muitos, se tornará um exercício cinematográfico excessivamente árido e impessoal.

Adrien Brody brilha em uma atuação digna de Oscar, e o filme entrega uma história densa e cheia de detalhes nas entrelinhas. No entanto, apesar de não ser longo, ele parece ser, já que em vários momentos prioriza a estética e a ambientação em vez de avançar a trama. Os diálogos são bons, mas às vezes escassos, o que pode deixar o ritmo um pouco maçante. Ainda assim, é um grande filme, feito visualmente impressionante e com uma história forte. Ou seja: o filme é uma experiência poderosa e marcante.

QUEM FOI MARCEL BREUER?

O diretor Brady Corbet diz que Laszlo Toth, o protagonista do filme, é uma "fusão" de vários arquitetos famosos, mas principalmente Marcel Breuer.

Assim como o Toth fictício, Breuer nasceu na Hungria, aprimorou suas habilidades na influente escola Bauhaus, na Alemanha entre guerras, e imigrou para a América.

Ambos projetaram cadeiras icônicas antes de voltarem seu foco para grandes edifícios.

Judeus de nascimento, cada um foi

contratado para construir edifícios cristãos gigantes em partes remotas dos Estados Unidos que se tornariam suas obras-primas.

Corbet disse que um livro sobre o trabalho de Breuer na Abadia de Saint John, na zona rural de Minnesota, foi uma inspiração fundamental para o filme.

Breuer também é conhecido por projetar partes da sede da UNESCO, em Paris; o Museu Whitney de Arte Americana, em Nova York; e o Edifício Pirelli Tire, em Connecticut.

O QUE É BRUTALISMO?

O brutalismo é um estilo de design polarizador que surgiu na reconstrução da Europa pós-guerra na década de 1950.

É facilmente reconhecível pelo concreto exposto, sem enfeites, e por suas formas geométricas gigantes e ousadas. Acredita-se que o termo

venha de "beton brut", concreto bruto em francês.

Surpreendentemente, quase nenhuma arquitetura brutalista aparece em "O Brutalista" – até vislumbrarmos a obra-prima concluída de Toth no final do filme de três horas e meia.



Uma das cenas mais bonitas do filme O Brutalista, em cartaz nesta Capital

NA ONDA DO FENÔMENO

Para ajudar os cinéfilos a se programarem para os lançamentos nacionais dos próximos meses, selecionamos títulos que já estão chamando a atenção.

Vale lembrar, porém, que a lista conta com alguns selecionados, mas a dica é olhar para todos os títulos nacionais que estarão em exibição com carinho e, se possível, dar uma chance a eles nos cinemas.

"Ainda Estou Aqui" colocou os olhos do mundo direcionados para o Brasil, mas, principalmente, fez com que os próprios brasileiros percebessem a qualidade do audiovisual do país. Um fenômeno que ainda venceu um Oscar inédito e histórico e pode alavancar a ida às salas ao longo deste ano.

O QUE VEM POR AÍ



A eterna e lendária atriz Fernanda Montenegro está nos cinemas de São Luís

1 VITÓRIA

Fernanda Montenegro, que segue em cartaz nos cinemas como a versão mais velha de Eunice Paiva, de Ainda Estou Aqui, não para de trabalhar. Aos 95 anos, a grande dama do cinema nacional estrela Vitória, dirigido por Andrucha Waddington – seu genro, marido de Fernanda Torres –, que assumiu a produção após o falecimento de Breno Silveira, em 2022.

O longa narra a história de uma senhora de 80 anos que, com sua câmera pessoal, registrou o dia a dia do tráfico de drogas na Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Após isso, ela fez uma denúncia à polícia. O filme é baseado em uma história real ocorrida no início dos anos 2000.

A estreia do filme foi no dia 13 de março.

2 CÂNCER COM ASCENDENTE EM VIRGEM

A obra é inspirada na história real de Clélia Bessa, uma produtora que, em 2008, criou o blog Estou com Câncer, e Da? enquanto lutava contra um câncer de mama. Suzana Pires interpreta a protagonista, Clara, além de assinar o roteiro da produção.

A história acompanha a rotina de uma mulher controladora, que começa a repensar suas escolhas e relações após o diagnóstico de câncer de mama. Marieta Severo também está no elenco do filme.

Data de estreia: 27 de março

O QUE VEM POR AÍ... 2



Reprodução

Silvio Santos no cinema

3 OESTE OUTRA VEZ

Vencedor do Festival de Gramado de 2024, o faroeste dirigido por Erico Rassi conta a história de Totó (Ángelo Antônio), um homem rude que, incapaz de aceitar o abandono da companhia, se volta contra o atual parceiro dela, Durval (Babu Santana). Essa decisão desencadeia uma jornada marcada pela violência.

Estreia: 27 de março

4 HOMEM COM H

A cinebiografia de Ney Matogrosso terá Jesuíta Barbosa interpretando o ícone da música brasileira. A direção e o roteiro serão de Esmir Filho, que explorará várias fases da vida e carreira do cantor, desde sua infância até a maturidade.

A obra ainda apresentará as grandes paixões da vida de Ney, como Cazuza (Julio Reis) e Marco de Maria (Bruno Montaleone), seu companheiro por 13 anos. A produção terá como pano de fundo a época da ditadura militar no Brasil, que cerceu a liberdade de expressão de muitos artistas.

Data de estreia: 1º de maio

5 A MELHOR MÃE DO MUNDO

A nova produção da aclamada diretora Anna Muylaert, responsável por Que Horas Ela Volta?, terá Shirley Cruz e Seu Jorge como protagonistas. A trama acompanha uma catadora de materiais recicláveis que, após sofrer abusos do marido, decide procurar uma delegacia da mulher para registrar a ocorrência – porém, é ignorada.

Diante disso, ela abandona a sua casa, coloca os filhos pequenos na carroça e os leva numa jornada para São Paulo. Para proteger a inocência das crianças, os faz acreditar que estão vivendo uma aventura, mesmo diante de inúmeros sacrifícios e perigos da rua.

Estreia: 1º de agosto

6 SILVIO SANTOS VEM AÍ

Leandro Hassum interpreta Silvio Santos no longa-metragem que será dirigido por Cris D'Amato e com roteiro de Paulo Cursino.

A obra revela os bastidores do programa de enorme sucesso que fez do comunicador, falecido em agosto do último ano, um ícone da televisão.

Data de estreia: 14 de agosto

7 MAURICIO DE SOUSA - O FILME

A cinebiografia de Mauricio de Sousa, criador de A Turma da Mônica, viaja pela trajetória do artista e empresário, da infância ao sucesso profissional, destacando a criação de seus personagens.

O filme tem direção de Pedro Vasconcelos e o personagem principal é interpretado por Mauro Sousa, filho de Mauricio na vida real. Elizabeth Savalla e Thati Lopes também integram o elenco do longa-metragem.

Data de estreia: 23 de outubro

8 ENTERRE SEUS MORTOS

Selton Mello segue sua jornada de sucesso no cinema nacional. Depois de Ainda Estou Aqui e O Auto da Compadecida 2, o ator estrea Enterre Seus Mortos, adaptação do romance de Ana Paula Maia.

Dirigido por Marco Dutra, o filme coloca Selton no papel de Edgar Wilson, um homem sombrio que trabalha como removedor de animais atropelados nas estradas de uma pequena cidade chamada Abalurdês. Enquanto isso, o

mundo parece dar sinais de que o arrebatamento final se aproxima. Marjorie Estiano e Betty Faria fazem parte do elenco.

Estreia em 2025

9 ÚLTIMO AZUL

Uma nova potência chegando? O longa, uma coprodução com o México, conquistou o Urso de Prata do Prêmio do Juri no Festival de Berlim. Dirigido por Gabriel Mascaro, conhecido por seu trabalho em Boi Neon, o filme conta com Rodrigo Santoro.

A trama é ambientada em um futuro distópico, com idosos sendo obrigados a irem para uma colônia habitacional. Denise Weinberg interpreta uma mulher de 77 anos que, antes do isolamento compulsório, embarca em uma viagem por rios da Amazônia.

Previsão de estreia: 2025

10 O AGENTE SECRETO

Um dos longas nacionais mais esperados do ano é o novo de Kleber Mendonça Filho – de Bacurau e Retratos Fantasmáticos –, estrelado por Wagner Moura e Maria Fernanda Cândido. Trata-se de um thriller político que se passa em Recife, em 1977, durante a ditadura militar.

Na trama, Marcelo (Moura) é um especialista em tecnologia acusado de atividades subversivas, que se muda de São Paulo para a capital pernambucana na tentativa de escapar de agentes do governo. Ele chega à cidade e, em pouco tempo, desconfia que está sendo espionado por seus vizinhos.

Previsão de estreia: 2025

11 VELHOS BANDIDOS

Fernanda Montenegro, realmente, não para! A atriz é uma das protagonistas de Velhos Bandidos, comédia dirigida por seu filho, Claudio Torres – de A Mulher Invisível e O Homem do Futuro. Ary Fontoura, Bruna Marquezine, Lázaro Ramos e Vladimir Brichta completam o elenco.

A trama acompanha o casal de aposentados Marta (Fernanda) e Rodolfo (Fontoura), que planejam um assalto a um banco. Só que para o roubo ser perfeito, precisam de um casal de jovens, Nancy (Bruna) e Sid (Brichta), que se tornam parceiros. O maior problema do grupo é o obstinado investigador Oswaldo (Ramos).

Previsão de estreia para 2025

12 DEUS AINDA É BRASILEIRO

A obra derradeira do diretor Cacá Diegues, falecido no dia 14 de fevereiro. O filme, que estava em processo de finalização, é um spin-off de Deus é Brasileiro, sucesso de 2003 estrelado por Antonio Fagundes e Wagner Moura.

Na nova produção, Deus retorna à Terra após uma rebelião dos seres celestiais, que decidem lançar um meteoro para exterminar a humanidade, frustrados com os rumos tomados pelo planeta.

Previsão de estreia para 2025

13 A PRÓPRIA CARNE

A produção do Jovem Nerd foi filmada no Rio Grande do Sul, mais especificamente em Farroupilha, com a intenção de movimentar a economia criativa gaúcha após a cheia do ano passado.

Acompanha trio desertor da Guerra do Paraguai que encontra horrores numa casa aparentemente pacata. A direção é de Ian SBF, um dos fundadores do Porta dos Fundos, e conta com Luiz Carlos Persy, Jade Mascarenhas, Jorge Guerreiro, Pierre Baitelli e George Sauma no elenco.

Previsão de estreia para 2025

DE RELANCE

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) calculou em US\$ 1,5 bilhão a perda em exportações do setor siderúrgico brasileiro com as novas tarifas de importação aplicadas pelos Estados Unidos ao aço este ano e queda na produção de quase 700 mil toneladas.

Começou a valer na última quarta-feira a nova taxaço, inclusive para o Brasil que exporta mais de 50% do produto para os EUA.

“Isso se deve ao fato de que os Estados Unidos são um mercado muito importante para o aço brasileiro. Em 2024, último dado de ano fechado que nós temos, eles foram destino de mais da metade das exportações.

Portanto, é um mercado crucial de aço para o Brasil e daí a importância de se lidar com essa questão”, explica Fernando Ribeiro, coordenador de Relações Econômicas Internacionais do Ipea. em nota divulgada pelo Ipea.

Diante do peso do mercado americano para a indústria siderúrgica brasileira, o Instituto Aço Brasil e as empresas associadas, em nota divulgada na quarta-feira, afirmam que “mantém a expectativa de que, com a abertura do canal de diálogo pelo governo brasileiro com o governo norte-americano, seja possível prosseguir com as negociações para reestabelecer as bases do sistema de importação construído no primeiro governo de Donald Trump com o Brasil, em 2018, e que vigorou até a última terça-feira”.

No primeiro governo Trump, foram estabelecidas cotas de entrada de 3,5 milhões de toneladas de semiacabados e 687 mil toneladas de laminados, isentas de impostos, segundo a entidade.

Mas, na última sexta-feira, os CEOs das três maiores siderúrgicas americanas pediram ao presidente Donald Trump que resista a fazer qualquer concessão na decisão de taxar em 25% todas as importações de aço.

Eles afirmam que trocar a taxaço por cotas, medida adotada na primeira gestão do republicano, não adiantou e que manter as tarifas anunciadas como estão é questão de segurança nacional.

Pelo estudo do Ipea, as novas tarifas de Trump podem gerar queda de 2,19% da produção, contração de 11,27% das exportações do metal e redução de 1,09% das importações.

Pelos cálculos de Ribeiro, o efeito no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro será residual, de apenas -0,01% e de -0,03% nas exportações totais. Ribeiro defende uma negociação para manter a situação como era antes da nova taxaço:

“O Brasil tem uma indústria siderúrgica bastante desenvolvida, bastante forte e que exporta, principalmente produtos semiacabados. É importante que o país busque algum tipo de negociação para o governo americano para reverter essa medida e impedir que isso possa trazer prejuízos para o setor”, diz Ribeiro.

Segundo a nota do Instituto Aço Brasil, a indústria brasileira respondeu por 60% da demanda das usinas dos Estados Unidos por placas, de 5,6 milhões de toneladas.

“O Aço Brasil reafirma que o não reestabelecimento do acordo trará perdas não só para a indústria de aço brasileira, mas também para a indústria do aço norte-americana”.

Os dois passos para lá, dois para cá encetados por Donald Trump na política comercial poderiam ser apenas reflexo de sua desorientação ou inépcia para essa dança – não fossem, antes disso, uma tragédia para a economia.

Em fevereiro, Trump anunciou que elevaria alíquotas sobre produtos importados de Canadá, México e China. Dois dias depois, voltou atrás em relação aos vizinhos e suspendeu a medida por um mês.

Passados 30 dias, começou a valer a nova tarifa de 25%. Em 48 horas, nova reviravolta. Produtos que fazem parte do acordo de livre-comércio da América do Norte ficaram isentos por mais 30 dias (prazo que poderá ser estendido).

Nas tarifas baixadas sobre aço e alumínio, também abriu exceção para o setor automotivo. Para alguém que se considera um exímio negociador, esse tipo de vaivém pode fazer sentido. Para o mundo – em particular as empresas afetadas –, a reação tem variado da perplexidade ao desespero.

Com as reviravoltas, Trump semeia dúvidas sobre suas próprias decisões. Na feliz imagem do Wall Street Journal, ninguém sabe de que “lado da cama Trump acordará amanhã”. Seus volta-faces estão longe de ser correção de rumo indolor ou reconhecimento de erros.

A indefinição e a sensação que tudo pode mudar com um post numa rede social adiam decisões de investimento e tornam tudo imprevisível.

Para os negócios, pior que ter de aumentar preços para arcar com tarifas mais altas é não poder planejar nada por não saber que tarifa estará em vigor nos próximos meses.



Marçal Athayde está expondo no Convento das Mercês, “A Cidade que houve quando o avião passou”

A CIDADE QUE HOUVE quando o avião passou

Na última quarta-feira, 12, a Fundação da Memória Republicana Brasileira (FMRB) abriu a exposição “A cidade que houve quando o avião passou”, do artista visual Marçal Athayde.

Em um cruzamento entre tempo, paisagem e memória urbana, a mostra reúne trabalhos inspirados pelo poema “Uma fotografia aérea”, de Ferreira Gullar.

O evento, no Convento das Mercês, é uma realização arrojada da Galeria Hum, que é sucesso

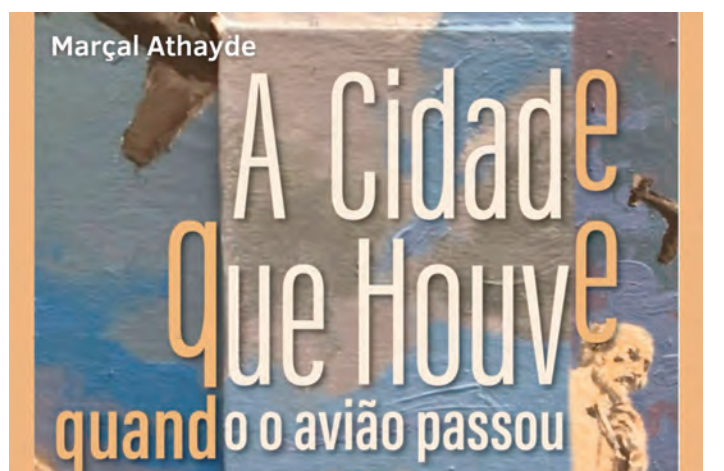


no bairro de São Francisco.

O projeto “A cidade que houve quando o avião passou” é um mergulho artístico, histórico e poético na

cidade de São Luís, neste estado.

O maranhense, (natural da cidade de Pedreiras) que desde sua adolescência se descobriu artista e vem se dedicando às artes plásticas a partir de então, inicialmente expôs em várias coletivas na sua terra natal até conquistar, em 1983, o Prêmio Petrobras de Pintura Jovem. No ano seguinte, fez sua primeira individual ainda em São Luís e mudou-se em seguida para o Rio de Janeiro, onde até hoje vive exclusivamente de sua arte.



Bonito por natureza

Físico, matemático e filósofo o sábio francês Blaise Pascal (1623/1662) deixou, entre incontáveis ensinamentos, a certeza de que “o homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas um caniço que pensa”. Basta uma chuvarada, um tremor de terra para reduzi-lo a pó, com tudo o que ele construiu.

Os japoneses, habitando uma das regiões mais instáveis do planeta, aprenderam a dormir com o perigo, investindo e pensando nas amplas faculdades que o homem dispõe para

domar a natureza. Há séculos vêm perdendo batalhas, mas sempre se recuperam como um caniço pensante. Vergam, mas não quebram.

Além de frequentes abalos sísmicos, a capital japonesa, Tóquio, enfrenta cerca de duas dezenas de tuíões por ano, sempre acompanhados de violentos temporais. A cidade, porém, não sofre alagamentos. Os prédios são resistentes aos tremores e uma fantástica rede de galerias subterrâneas controla o gigantesco fluxo das águas. Esta é uma das razões que faz do Japão, arquipélago

de terras pobres, a segunda economia do mundo e de sua população beneficiária das melhores qualidades de vida.

No Recife, a temporada de chuvas tropicais está próxima e estamos muito mais próximos dos patricios que viviam nas encostas dos morros da região serrana do Rio de Janeiro, do que dos ameaçados japoneses.

E não só geograficamente. Como os fluminenses, também deixamos a responsabilidade com o Criador e nunca pensamos em investir seriamente para conviver com a natureza.

de terras pobres, a segunda economia do mundo e de sua população beneficiária das melhores qualidades de vida.

No Recife, a temporada de chuvas tropicais está próxima e estamos muito mais próximos dos patricios que viviam nas encostas dos morros da região serrana do Rio de Janeiro, do que dos ameaçados japoneses.

E não só geograficamente. Como os fluminenses, também deixamos a responsabilidade com o Criador e nunca pensamos em investir seriamente para conviver com a natureza.

de terras pobres, a segunda economia do mundo e de sua população beneficiária das melhores qualidades de vida.

Explica-se: dez dos 81 senadores eleitos em 2010 chegaram ao Senado na rabeira do titular eleito, apesar de a votação para o cargo ser considerada majoritária.

Reforma, suplência e futuro

Não deve existir categoria mais criticada, ridicularizada e colocada sob suspeita no meio parlamentar brasileiro do que a dos suplentes. Eles são quase sempre apontados como responsáveis por tudo o que acontece de ruim porque não foram eleitos, mas ocupam o lugar do titular que deixou o

Congresso por alguma razão. Mas os suplentes, quem diria, já estão na mira da Comissão de Reforma Política do Senado, que de alguma forma está sendo obrigado a refletir a insatisfação dos eleitores que de uma hora para a outra passam a ser representados por alguém que não

conhecem e que não receberam um voto sequer.

O lado curioso é que hoje 12% das cadeiras do Senado estão nas mãos de suplentes.

Explica-se: dez dos 81 senadores eleitos em 2010 chegaram ao Senado na rabeira do titular eleito, apesar de a votação para o cargo ser considerada majoritária.

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



O cantor PP Junior abre os braços para comandar a folia na grande festa "As Fofinhas no Carnaval", em benefício das obras sociais do Educandário Santo Antonio



Corte de Momo no Carnaval deste ano: o Rei Momo Ronilson Pereira com a Rainha Kássia Caroline e a Princesa Regilene Rodrigues



Fátima Saboya comandou mais um bem sucedido baile das Fofinhas no Carnaval

BAILE DE CARNAVAL DAS FOFINHAS

O Carnaval já passou, estamos no meio da Quaresma, mas não param de chegar flagrantes de animadas festas do período do reinado de Momo, como o tradicional baile "As Fofinhas no Carnaval", realizado anualmente com renda em benefício do Educandário Santo Antonio, entidade presidida por Fátima Sabóia, e que este ano reuniu centenas

de alegres foliões no Basa Clube, no Alto do Calhau, na tarde/noite de 27 de fevereiro. O encontro, alegre e colorido, teve a boa música da Banda Tchequerê, apresentação de PP Junior, Thais Moreno e banda e a participação especial da Corte Momesca, formada pelo Rei Momo Ronilson Pereira, a Rainha Kássia Caroline e as Princesas Regilene Rodrigues e Layra Silva.



Gustavo Santos e Raquel com Karla e Gilvan Saboya



Fátima Saboya com a filha Lorena e a sobrinha Meire Saboya



Ana Rocha, Célia Cutrim, Fátima Sabóia e Lourdinha Castro



Amélia Maria Lêda



Maria Luiza Mendonça, João Henrique Diniz Cardoso, Iara Mendonça



Karla e Raquel Baldez e Graça Baldez



José Antônio e Gisele Quariguasi



Olivia, Natália e Nayara Ribeiro



José Salvio de Mendonça e Carmen Furtado, Cecília e Clodiomar Amoriom



As irmãs Vera Lucia e Ana Lúcia Braga



Ciores Holanda, Neire Vanda Gomes Silva, Socorro e Raul Vilhena e Gabriel Vilhena



José de Ribamar Franklin Costa e Fátima, Karine Lobato e Gisele Quariguasi

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



Raul Vilhena e Socorro com o filho Gabriel e os netos Leonardo e Benício Vilhena



Fátima Falcão, Sônia Matos, Amélia Leda e Bernadete Lima



Clores Holanda e Neire Vanda Gomes Silva



Célia Cutrim e Virgínia Nunes Freire



Ana Rocha, Lourdinha Castro, Sônia Matos, Fátima Sabóia e Edna Fonseca



Fátima Sabóia, Natália e César Roberto



Francisco Freitas, Fátima Sabóia, Andréa Freitas e Maria de Jesus Castelo Branco



Rosivânia Carvalho e Fatima Mendonça



Sílvia Duailibe, Amélia Leda e Rita Maranhão



Maria Clara, Karla e Maria Luíza Baldez Saboya



Temis Sauaia e Maria Luíza Mendonça



João Henrique Diniz Cardoso e Maria Luíza Mendonça, Fátima e José de Ribamar Franklin Costa



Livia Coelho e Maria Guarã



Fatima Saboya, PP Junior e sua mãe, Dona Helena de Jesus



Tetis Sauaia, Rita Maranhão, Rosa Casanovas, Temis Sauaia e Rita Duailibe

Divulgação/Edgar Rocha



O fotógrafo Meireles Jr. com a nova edição de luxo do livro "Jóias da Arquitetura Civil Portuguesa", que terá nova noite de autógrafos na Livrarei Amei, no São Luís Shopping, dia 4 de abril

SARAU CULTURAL NA AMEI

O fotógrafo e autor Meireles Jr. promoveu um sarau cultural para a imprensa, no charmoso restaurante Caçarola Bistrô. O local recebeu a mostra de fotos de Meireles Jr. com casarios da arquitetura pombalina de São Luís e Portugal, em suas paredes de pedras seculares.

O evento foi a Avant Première da segunda edição em versão luxo do livro "Jóias

da Arquitetura Civil Portuguesa"; e teve como atrações musicais o cantor Alessandro Batista, interpretando belos fados portugueses e a discotecagem elegante do DJ Pedro Sobrinho.

No debate técnico sobre o Patrimônio Histórico, os convidados foram o arquiteto Ronald de Almeida Silva; a Profa. Dra. Ingrid Braga; a Pres. da Fundação Municipal

do Patrimônio Histórico Kátia Bogéa e a Profa. Dra. Margareth Gomes de Figueiredo; que também estão presentes com textos e reflexões na nova obra de Meireles Jr.

Em seguida, o fotógrafo recebeu amigos e fãs de seu trabalho em badalada noite de autógrafos que aconteceu no Sesi Casarão da Indústria. O evento teve discotecagem do DJ Alex Palhano e pocket

show de Adriano Corrêa (vocalista da Banda Alcmena). Nem mesmo a chuva torrencial que caiu naquela noite afastou a legião de apreciadores da obra de Meireles Jr.

realizado mais um evento de lançamento da obra; dessa vez com exposição completa das fotos que ilustram o livro, na sede da livraria AMEI, no São Luís Shopping no dia 04 de abril, a partir das 18h.

Foto/Divulgação/Danielle Vieira



Os engenheiros e patrocinadores Lauro Martins e Laura Sodré (Gomes Sodré Engenharia) e Marta Santos (Caçarola Bistrô) com Meireles Jr. no Sarau Cultural que antecedeu a noite de autógrafos.



Meireles Jr. entre os debatedores e experts em patrimônio histórico: Arquiteto Ronald de Almeida Silva, Profa. Dra. Ingrid Braga, a Pres. da Fundação Municipal do Patrimônio Histórico Kátia Bogéa e a Profa. Dra. Margareth Gomes de Figueiredo.



Meireles Jr. e Andrea com os empresários e patrocinadores da obra Fabiola e Marcelo Brasil (Grupo Potiguar).



A diretora do Colégio Dom Bosco e educadora Isabella Rodrigues Caracas, que assina um belo texto no livro, em defesa da preservação do patrimônio histórico.



O fotógrafo entre Telma e Manoel Farias.



Andréa Karla Meireles, Murilo Menezes, José Maria Meireles com Gabriela e Rodrigo Meireles

O RIO ELEGANTE CELEBRA OS 90 ANOS DE CLEUBA VERRI

São nove décadas de risadas, de amor e de superação. Filhos e amigos da maranhense Cleuba Verri Pinheiro vão celebrar, com uma grande festa no Rio de Janeiro, onde a aniversariante reside há muitos anos com os filhos Heckel e Raquel, essa incrível jornada de bem vividos 90 anos.

Tudo indica que será uma celebração repleta de emoção na Casa Julieta de Serpa, pois chegar aos 90 anos é uma dádiva que merece ser compartilhada.

No dia 18 de março (terça-feira), portanto, serão erguidas as taças de champagne em honra aos 90 anos de uma vida cheia de realizações.



Cleuba Verri com o filho Heckel Verri cuidam dos preparativos para a festa dos 90 anos dela

DESTAQUE DA CAPA

Divulgação/Ayrton Vale



Capa do PH Revista deste fim de semana, a bela advogada internacionalista Natália Seipel, foi terceira colocada no Concurso Miss Brasil 2024 e tem atuação marcante como filantropa. Com uma trajetória marcada pelo compromisso social, ativa no Instituto Inspira, que apoia crianças com fissura labiopalatina, Natália teve um projeto de lei aprovado na Comissão de Saúde do Congresso Nacional. Além disso, ela atua na expansão internacional de empresas brasileiras e compartilha seu conhecimento por meio de mentorias em oratória e cultura.

O INCONSCIENTE COLETIVO

Uma "promenade" pelas ruas do centro revela o que todo são-luense cinquentão já sabe: a febre migratória transformou São Luís numa cidade sem rosto, igual a todas as médias e grandes cidades do mundo. Ali na esquina da praça João Lisboa com a Rua da Paz, o nativo bem que poderia repetir Henry James, o romancista americano, retornando à sua Nova York depois de anos de Europa: é um "melting pot", o que quer dizer, uma geia geral.

O ser humano mais conhecido que pude encontrar foi o "Inconsciente Coletivo". Que "rosto" tem este senhor? Tem a feição das gerações empilhadas numa mesma esquina, no caso, a do Senadinho. De repente, vejo o empresário Michel Nazar "vagando" o pedaço, circulando em meio aos seus pares com o indefectível terno de linho branco...

O "Inconsciente Coletivo" é a prateleira de tipos populares que um dia decorou o lugar, é o "acúmulo" de conversas, piadas, causos, ilusões, opiniões, gargalhadas, lamentações ou enforrias – é o etéreo depósito do cotidiano ali vivido por séculos, desde os tempos em que a Praça João Lisboa tinha outros nomes, muito mais próprios do que os destinados à glória pessoal.

Nossa praça mais famosa já se chamou poeticamente Largo do Carmo. E a Nina Rodrigues nunca deixou de ser Rua do Sol. Nomes que valorizavam uma paisagem ou um sentimento. Mas que evitavam o "puxa-saquismo" explícito.

A Rua Formosa perdeu a pose e foi logo batizada de Afonso Pena. Uma pena, sem dúvida. A Rua da Paz perdeu o sossego e virou Colares Moreira. A rua dos Remédios

tomou um purgante e passou a ser chamada de Rio Branco. A dos Afogados perdeu o fôlego e hoje é José Bonifácio.

Sábios eram os portugueses de antanho, que nomeavam suas ruas com nomes simples, pitorescos, sonantes, encantadores. Nada de nomes próprios de figurões, homenageados pelos puxa-sacos de plantão. Nomes singelos, espontâneos, ditados pelo "Inconsciente Coletivo", a verdadeira alma do povo.

Rua da Alegria, Rua do Passeio, Rua do Norte, Praça da Alegria, Rua dos Prazeres, Largo dos Amores, Praça da Saudade, Rua da Cotovia, Beco do Quebra-Bunda, Rua das Hortas, Travessa do Palácio, Beco do Precipício, Travessa da Passagem, Rua do Pespontão – e por aí vai.

O que me contou mais esse "Inconsciente Coletivo"? Que a vida em São Luís (ainda bem que "achamos" esse ótimo "derivativo", repelindo a abominável homenagem) era risonha e franca. As famílias moravam em ruas de nomes amáveis e naturais. Os bairros se chamavam "Praia do Desterro", "Madre Deus", "Cavaco", "Anil", "Fé em Deus". A Afonso Pena se chamava "Formosa", a Sete de Setembro era "Rua da Cruz" e a "Oswaldo Cruz", "Rua Grande".

As casas ainda eram geminadas e não dispensavam os quintais povoados de aves e até mesmo suínos. À noite, não era incomum o latido da cachorrada e o coaxar dos sapos.

Sujeito antigo esse "Inconsciente Coletivo". Foi o único "conhecido" que encontrei sábado na Praça João Lisboa – e que me confidenciou todas essas coisas barrocas, ornatos do que era o "bem-viver" em São Luís.

Reprodução



NOITE DE PLENILÚNIO

Foi como se, de repente, despertássemos numa noite de plenilúnio e, no entanto, continuássemos sonhando. Esta, foi a impressão que ficou do magnetismo causado pela banda Scorpions durante sua única apresentação em São Luís.

Realizada numa noite de Lua cheia, quando a nossa psique se abre mais facilmente para as energias cósmicas e espirituais, o show da banda alemã parecia

irradiar energias positivas para toda a humanidade.

Nos rituais de plenilúnio, como se sabe, atraem-se as bênçãos por meio de invocações, gestos, cânticos e danças, direcionando depois o poder mágico assim criado para benefícios pessoais, coletivos ou globais. Tudo causado pela energia emanada da Lua cheia, que é perfeita para manifestar ideias, concretizar objetivos, expandir intenções.

Resultado: em pleno

Centro Histórico de São Luís, os escorpions encerraram o roteiro latino-americano da turnê "Get Your Sting And Blackout World Tour 2010", que marcou a despedida da banda de hard rock alemã, com um show inesquecível, reunindo clássicos de uma trajetória de 45 anos de sucesso e mais de 120 milhões de discos vendidos.

Uma noite no começo deste novo milênio e que ainda hoje é lembrada com emoção e saudade.



Vista aérea de Paris, uma das cidades mais bonitas do mundo

PARIS SERÁ SEMPRE PARIS?

Eserá que “ninguém mais vai a Paris por ser romântico?”. Leitor desta coluna guia-nos pelo seu passeio numa Paris real, onde as histórias mudam conforme quem as conta.

Ninguém devia escrever sobre Paris. Paris vive-se, sente-se, engole-nos e nenhuma palavra conseguirá descrevê-la tão bem.

A primeira vez que estive na capital gaulesa, fui cheio de sonhos e ilusões. Tinha 32 anos. Ia com o intuito de me fixar na cidade. As artes, pois. Desta, seria a terceira vez, mas para a minha companhia seria a primeira. Os dias já se prometiam molhados e o percebemos logo. Em quatro dias só vimos a luz do sol por cima das nuvens.

Ninguém mais vai a Paris por ser romântico. Foi o que me disse o rapaz do Bangladesh, enquanto tentava vender-me duas sweats com um logotipo da Torre Eiffel e um coração que

dizia “I love Paris”, cidade que ele detesta mas da qual precisa para enviar dinheiro para a família, continuou em inglês, na sua lojinha perto do Trocadero.

Já tinha apercebido da infelicidade imigrada nos rostos de alguns africanos à saída do metrô, perto da Torre Eiffel. Com tanto nevoeiro nem o cimo da icónica estrutura conseguimos vislumbrar. Com um polegar erguido, como nas redes sociais, fiz saber que já estávamos servidos de guarda-chuvas. Porque a chuva não parava, miudinha. Mesmo assim caminhamos até ao Arco do Triunfo e paramos para café, croissants e algumas miudezas... E WC, também, porque não é fácil encontrá-los em Paris!

Descemos os Champs-Élysées que estavam em plena mutação, quase carnavalesca com um enorme cortejo com desfiles de

gente de toda a América Latina e África e que bela experiência! O caminho até à Notre-Dame fez-se calmamente à beira do Sena e parando para consultar os velhos alfarrabistas, onde facilmente teria gastado uma pipa de massa se não fosse o problema do peso da bagagem a pagar no regresso. A catedral não me deslumbrou tanto como das outras vezes. Talvez faltasse o cheiro de coisa velha que se acumulou durante séculos e que o fogo levou e nem encontramos o Corcunda.

Metemo-nos a caminho, ruela atrás de ruela sentindo a pulsação das pessoas. O Abdelazziz, o Yuri, a Nadine, que é amiga da Fabienne, mas que veio de Reunião por amor e o “connard” do namorado foi para Lille com a irmã dela, seis anos mais nova... Agora vive em Seine St. Denis, mas procura outro canto porque não suporta os

desacatos e a polícia sempre no bairro. Não quer o filho de dois anos crescendo por ali e se vir as coisas malparadas voltará à ilha de onde nunca deveria ter saído – ouvimos a sua história numa lojinha perto do Centro Georges Pompidou.

Estórias assim também poderiam ser contadas pelo Joaquim, tuga de gema perto do Père-Lachaise, onde já teve um restaurante, mas também pelo Manou, do Senegal, ou pelo belga Yann, que trabalha em publicidade e prefere Paris a Namur, porque na Bélgica tudo é mais parado. Yann não dispensa o “apero” com o amigo Roger, que não suporta mais os britânicos. É um irlandês, cidadão do mundo, que percorreu 32 países e, seguramente, não ficará em Paris.

A metrópole tem gente, tem sempre muita gente e podemos constatar-lo no Sacré Couer. Neste

dia, nem chovia, felizmente, e a vista sobre a cidade não era má. OK, esqueci a baguete e a velha boina típica francesa, isso ainda se vê nos filmes, só que na realidade não é bem em Paris, talvez na profunda Provence.

O Louvre está à pinha. Uma francesa, natural de Paris, mas que vive em Florença vem pela primeira vez ao grande museu e confessa que não está surpreendida com a afluência, pois atualmente todas as cidades estão saturadas – sabe-o bem, é assim na cidade onde vive.

Infelizmente não falo bem francês. A senhora não compreende, nem eu, como se perde tanto tempo para ver um dos menores quadros do Mundo quando há tantos trabalhos e tão mais belos que a Mona Lisa, e fica indignada com quem ali ocorre só para a ver. Cai a noite e a chuva, como São Pedro manda – e,

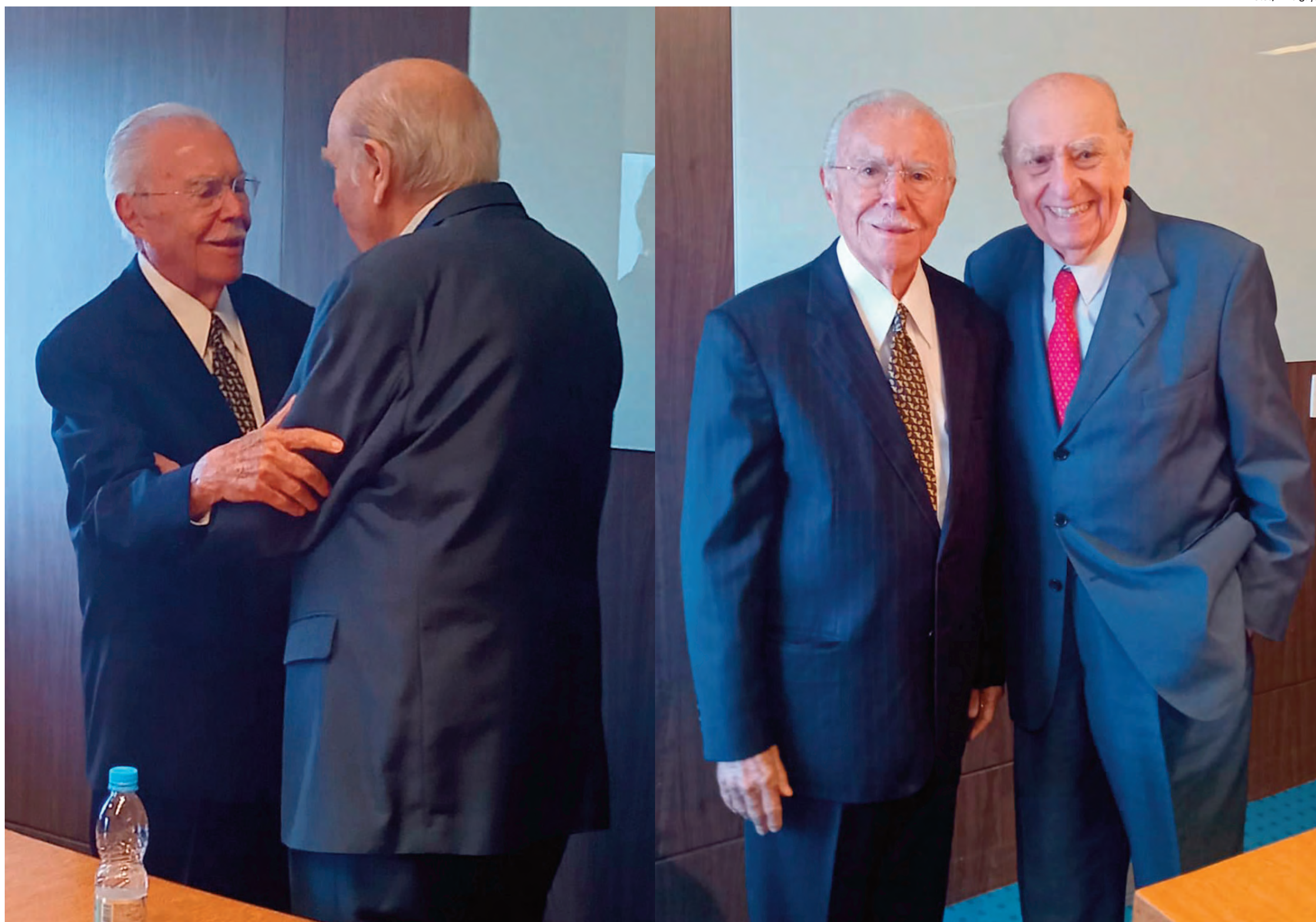
naqueles dias, estava bastante generoso –, foi tempo de regressar a pé ao hotel.

É hora de nos mudarmos e aquecer um pouco para irmos jantar uma especialidade francesa que, infelizmente, não deixou muitas saudades, mas estava quente e caiu que nem um cabrito assado, mas escapou o vinho que aqueceu o jantar e a alma. Durante a noite e tal qual uma comédia francesa, somos acordados com o alarme do hotel. Alto e bom som! Mas permanecemos inertes como as estátuas do Museu d’Orsay. Ainda hoje não conseguimos explicar o porquê da nossa reação. Talvez o cansaço?

Isto seria apenas um pormenor, não fosse o fato de termos sido os últimos a sair do hotel, mas devidamente vestidos e de bagagem na mão! Tal e qual uma cena de um filme de Louis de Funès!



Paris vista de outro ângulo com a Torre Eiffel no centro da paisagem



Reencontro dos ex-presidentes José Sarney (Brasil) e Julio Maria Sanguinetti (Uruguai)

SARNEY E OS 40 ANOS DE DEMOCRACIA

O Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília, será palco neste 15 de março de um evento histórico: “Democracia 40 anos: Conquistas, Dívidas e Desafios”.

A Fundação Astrojildo Pereira (FAP) e o Cidadania celebram os 40 anos da redemocratização brasileira no mesmo exato dia em que o então vice-presidente José Sarney tomou posse em 1985, encerrando, assim, 20 anos de ditadura no Brasil.

Essa comemoração histórica terá como grande homenageado o principal o grande condutor dessa transição pacífica, do autoritarismo imposto pelo Golpe Militar de 1964 para a

nova era da democracia brasileira: José Sarney, que acabou efetivado presidente do Brasil, após a morte de Tancredo Neves.

A reconciliação nacional garantida a partir do governo Sarney, com a convocação da Assembleia Nacional Constituinte, que deu origem à Carta Magna de 1988, que ficou conhecida como a “Constituição Cidadã”, assegurou a retomada das eleições diretas para todos os cargos eletivos no país e pavimentou o caminho para novas conquistas, como a estabilidade econômica.

Não foi possível, no entanto, saldar todas as dívidas com a população brasileira, que precisa ainda se preparar para os desafios que

despontam no horizonte da Nação. Daí terem sido organizadas três Mesas de Debates com convidados especiais, para não só ressaltar as conquistas consolidadas, mas também identificar dúvidas e dívidas que ainda turvam o horizonte da sociedade brasileira.

Sessão de abertura

Terá as boas-vindas do Diretor-Geral da Fundação Astrojildo Pereira, Marcelo Aguiar, do Presidente Nacional do Cidadania, Comte Bittencourt, e da deputada federal Anny Ortiz (Cidadania-RS).

Mais: exibição do filme – ‘Os 40 anos da redemocratização

brasileira pelas lentes do mestre Orlando Brito’ ; homenagem ao presidente José Sarney, sob cuja orientação o país encerrou o regime autoritário e abraçou a democracia, e os constituintes que ajudaram a escrever essa página gloriosa da história brasileira: Aécio Neves, Augusto Carvalho, Heráclito Fortes, Miro Teixeira, Moema Santiago, Nelson Jobim, Paulo Delgado e Roberto Freire.

Programação

Mesa I - Democracia 40 anos: As conquistas consolidadas. Moderador: Milton Seligman. Palestrantes: • José Sarney: O condutor da reconciliação do Brasil com a democracia; Carmem Lúcia: O

lugar da mulher na democracia brasileira; Nelson Jobim: A nova Constituição e os avanços da democracia; Rubens Ricupero: A derrota da hiperinflação; Julio Maria Sanguinetti: As vicissitudes da democracia na América do Sul; e (Vídeo) Michelle Bachelet.

Mesa II - Democracia 40 anos: Dúvidas e dívidas do presente. Moderadora: Elza Correia. Palestrantes: Cristovam Buarque: Os deserdados da democracia; Mark Lilla: Os dilemas da democracia contemporânea; Dora Lúcia Bertílio: Os caminhos da igualdade de gênero e racial; Maria Corina Machado (Vídeo): A ditadura venezuelana e suas

consequências na América do Sul.

Mesa III - Democracia 40 anos: Os desafios do futuro. Moderadora: Basília Rodrigues. Palestrantes: Raul Jungman: O papel das Forças Armadas na manutenção da democracia; Marco Marrafon: Novos totalitarismos na era digital e os desafios na defesa das liberdades e da democracia; Joênia Wapichana: A conta da crise climática; Alberto Aggio: A centralidade da democracia.

Encerramento: o Diretor-Geral da Fundação Astrojildo Pereira, Marcelo Aguiar, e o Presidente Nacional do Cidadania, Comte Bittencourt, encerram o evento.



Embaixador André Amado, os ex-presidentes José Sarney (Brasil) e Julio Maria Sanguinetti (Uruguai) e o embaixador do Uruguai no Brasil

ENTREVISTA/EX-PRESIDENTE JOSÉ SARNEY

“É MELHOR SAIR DA POLITICA MUITO BEM DO QUE JÁ VELHO”

Prestes a fazer 95 anos, primeiro presidente civil após a ditadura, cuja posse completa quatro décadas nesta semana, dá recado a Lula, mas defende apoio do MDB à sua reeleição e vê “fatos graves” no 8 de janeiro

Quem chega à sala da casa do ex-presidente José Sarney em Brasília contempla uma coleção de arte sacra, um quadro com o retrato do frei Francisco de Bourdemare, missionário espanhol enviado ao Maranhão no século 17. Na parede em frente, uma imagem do próprio Sarney, de dimensões maiores, com a faixa presidencial, dá o tom imponente ao ambiente, frequentado por presidentes, ex-mandatários e lideranças políticas variadas. Enquanto desenvolve um raciocínio político aguçado, o ex-presidente caminha com lentidão e diz que o envelhecimento começa pelas pernas. “É melhor sair muito bem (da política) do que já velho”, diz ele.

Prestes a fazer 95 anos de idade, Sarney se mantém ativo como conselheiro político. Longe do dia a dia da vida partidária, desde o seu quinto mandato como senador do MDB, em 2015, ele divide seu tempo entre a Capital Federal e São Luís do Maranhão, escrevendo um livro sobre a reforma do sistema eleitoral no país, baseado na experiência do primeiro civil a ocupar a Presidência da República após a redemocratização. Neste sábado, 15, completam-se quatro décadas da posse, data considerada um marco do fim da ditadura.

Em uma de suas raras entrevistas, ele critica a falta de liderança do Congresso, diz que Lula está governando num tempo difícil, defende aliança do MDB com o petista em 2026. E afirma que o Brasil precisa superar a polarização para trilhar o caminho da prosperidade. “A política de inimigos foi superada”, pontua.

O governo Lula tem enfrentado queda na popularidade, em especial pela alta nos preços dos alimentos. Seu governo também sofreu com a inflação. A que o senhor atribui a atual crise?

O presidente Lula fez excelentes governos. E a democracia possibilitou um operário no poder, isso raramente acontece. Mas ninguém governa o tempo no qual se vai governar. Há tempos em que governamos na abundância, mas há tempos em que governamos na escassez. Lula não está nos governando num tempo de bonança, mas sim num tempo difícil, não só para o Brasil, mas de uma maneira internacional. Eu governei num tempo que a História se contorcia. Criamos as eleições diretas. Asseguramos os direitos civis e os direitos humanos. Criamos uma Constituição.

O MDB esteve presente em todas as gestões

petistas. Essa aliança deve ser renovada em 2026?

Não administro a convivência partidária e as alianças, mas sou o presidente de honra do MDB e vejo que sempre foi um partido difícil porque tem democracia interna. Ninguém domina o MDB. Não há dono de partido. Acho que o MDB deve apoiar (Lula) sim. Entre os candidatos que estão colocados, Lula ainda é o homem que tem maior popularidade, a maior confiança do povo brasileiro.

O senhor concorreu pela última vez aos 76 anos. Lula, se renovar o mandato, terá 81. O que o senhor acha de ele entrar na disputa com essa idade?

Só ele pode decidir. Quando deixei de ser candidato, muita gente do Amapá pediu que eu fosse ser candidato. Achei que não deveria. É melhor sair muito bem do que já velho.

O senhor vê carência de alternativas a Lula na esquerda?

Temos toda a surpresa nas eleições. Tivemos uma grande surpresa com Fernando Collor, outra com o Bolsonaro. Ninguém podia ter imaginado que Bolsonaro, em algum momento pudesse ser presidente. Não dá para avaliar o que pode acontecer.

É mais difícil governar hoje com o Congresso que ganhou poder por meio das emendas do que na sua época?

O Congresso mudou muito. Houve uma multiplicação dos partidos sem raízes históricas, não estou querendo julgar, mas acho que aquele tempo seguimos líderes partidários, pessoas com grande expressão nacional. Atualmente há falta de lideranças do Congresso. A pior coisa que os acontecimentos de 1964 produziram foi a extinção dos

partidos, que era uma formação de líderes. Sem partidos políticos fortes, não há democracia forte. A disciplina partidária democrática é aquela que tem democracia interna. E hoje nós verificamos que os partidos não têm democracia interna.

O novo presidente da Câmara, Hugo Motta, defende o debate sobre uma mudança no sistema do governo para o parlamentarismo. Como o senhor vê essa discussão?

A reforma política é a mais urgente de todas, desde que o parlamentarismo algum dia chegará no Brasil. Esse parlamentarismo de coalisão leva a muitas acusações de corrupção, porque o presidente tem que aliciar, fazer maioria e todos têm reais indicações que muitas vezes extrapolam o interesse político. Defendo o parlamentarismo mitigado, a

exemplo do francês. Com voto distrital misto.

O Brasil comemora nesta semana 40 anos de redemocratização que se iniciou com o seu governo. Qual é o principal aprendizado desse período?

Sem dúvida alguma a melhor transição democrática feita nos países da América. Conseguimos fazer uma transição sem hipotecas militares, como no Chile. Fizemos com que os militares voltassem aos quartéis e que se dedicassem a garantir as funções constitucionais da democracia do Brasil. Nesse período, o país constituiu uma democracia consolidada. Nesses 40 anos, não tivemos nenhum hiato. Este é o maior período democrático da história brasileira.

O senhor acredita que em algum momento neste período a democracia no

Brasil esteve sob risco?

Sim, viveu muitos riscos. Principalmente durante o período da transição. Houve muitas ameaças de retrocesso. Durante a Constituinte também.

Os atos de 8 de janeiro e a trama golpista no governo Bolsonaro denunciada pela Procuradoria-Geral da República foram o momento de maior tensão da nossa democracia?

Os fatos do 8 de janeiro foram uma pressão muito grande sobre a democracia. Mas vejo que criamos instituições fortes, capazes de aguentar dois impeachments e também esse episódio. Isso tudo ainda será devidamente apurado pela Justiça, ainda não se tem uma noção exata do que estava ocorrendo. Foi um fato grave, mas foi mais um momento da nossa democracia em que as Forças Armadas mostraram que elas estão aí para sustentar a Constituição, a democracia, a liberdade. A maioria dos militares foi contra. Aqueles que se meteram eram na maioria da reserva. A democracia prevaleceu.

Como o senhor avalia as discussões no Congresso de conceder anistia aos envolvidos nos atos golpistas do 8 de janeiro?

Isso tem que ser remetido ao Congresso. Não posso opinar sobre hipóteses.

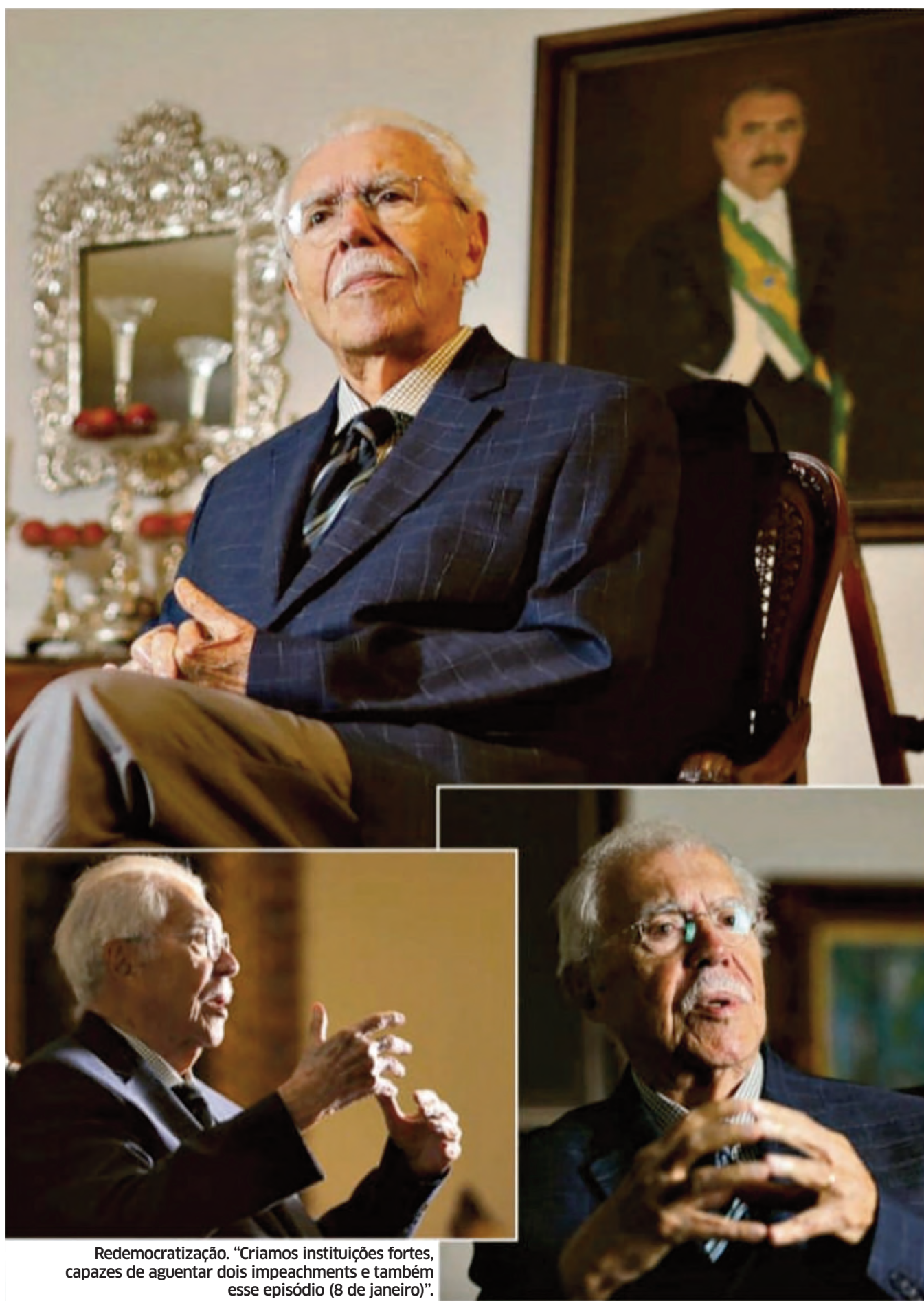
Como é possível superar um cenário de maior polarização política?

O Brasil tem que superar isso porque a casa dividida não prospera. A política se ideologizou muito nos últimos anos e não pode ser uma política de inimigos, e sim de adversários. A política de inimigos era a política do nazismo, do fascismo, do comunismo. O mundo superou isso no passado, chegamos a tempo de economia liberal e democracia plena.

O senhor foi opositor da ex-presidente Juscelino Kubitschek. Como contornou essa rivalidade?

Fui muito injusto com ele. Cheguei a pedir a ele que relevasse aquele tempo (Sarney era da UDN, partido de oposição ao governo JK) e as coisas que eu disse. Mas quando o Juscelino foi cassado (como senador), eu o recebi no Maranhão, dei a ele um almoço e chamei-o de presidente. Me escreveu uma carta muito elogiosa. A partir daí, tivemos um relacionamento estreito e ele dizia que eu era um amigo dele no ostracismo.

ENTREVISTA concedida por Sarney ao jornalista Ivan Martínez Vargas e publicada, dia 14, no jornal O Globo



Redemocratização. “Criamos instituições fortes, capazes de aguentar dois impeachments e também esse episódio (8 de janeiro)”.



O Rio Poty Hotel & Resort, na Ponta d'Areia, foi o empreendimento hoteleiro escolhido pelo Conselho de Secretarias Municipais de Saúde do Maranhão (COSEMS-MA) para a realização de mais um evento, o que revelou, mais uma vez, a preferência do COSEMS-MA pelo hotel. Foi o Seminário de Acolhimento 'Inova Gestor', realizado na quinta-feira. Os participantes discutiram, entre outras coisas, as novas políticas de saúde para o fortalecimento dos municípios. Participaram a presidente do COSEMS-MA, Thais Mesquita, e o secretário de Estado da Saúde do Maranhão, Tiago Fernandes



Lua Uchoa, Isabel Simone Clark, Kelly Azevedo, Rosângela Dias, Marina Gomes e Lidiane Estrela



Jacira Haickel entre Dalva Rêgo e Célia Marinho



Jacira com Ricardo e Michele Carreira, proprietários da Faculdade de Negócios Faene

Jacira Haickel no 'TPM'

"De onde vim, onde cheguei: os desafios que moldaram minha jornada" foi o tema abordado pela empresária Jacira Haickel na edição de terça-feira (11) do projeto 'TPM' (Terça para Mulheres), uma iniciativa da AmoVinho Bistrô & Adega, no Parque Shalon.

Trajetória de sucesso

Recebida com muito carinho pelos proprietários da casa, Almistron, Célia e Calheiro Marinho, a convidada reuniu admiradores e clientes do bistrô para compartilhar um pouco de sua trajetória de sucesso e a experiência no empreendedorismo hoteleiro, não esquecendo os percalços e desafios enfrentados no meio do caminho.

Inteligência, charme e simpatia

Jacira, que é diretora do Hotel Blue Tree, no Calhau, foi a primeira palestrante do 'TPM' pós-Carnaval e abrilhantou a noite com sua inteligência, charme e simpatia. Ela conduziu uma palestra de forma bastante descontraída, despertando a curiosidade da plateia, que a observava com atenção. Ao término, todos se confraternizaram e provaram do cardápio do bistrô, complementando com a elegância dos vinhos da casa.



Jacira com Ana Izabel (presidente da ACM Mulher) e Teresa Cavalcante, da Diretoria Executiva da ABRH-MA



Jacira entre Lou Marques e Noélia Rocha



A homenageada com Ana Izabel, Jenilce Pavão, Lou Marques, Núbia Sousa e Edna Montenegro

Colaço de grau

A Faculdade de Negócios Faene, instituição com sede no bairro Angelim, já definiu a data da solenidade de colaço de grau dos alunos dos cursos de Administração e de Logística.

O evento será realizado no dia 18 de março, às 19h, em seu

Espaço de Experiências Educacionais. Segundo a diretora geral da Faene, Michele Carreira, serão novos profissionais entregues ao mercado de trabalho.

De um lado, os profissionais da Administração, área crucial para a criação de estratégias

empresariais, otimização de recursos e garantia de uma operação sem falhas. De outro, os de Logística, que está presente em todo ambiente que necessite de otimização e organização, quer seja para reduzir tempo e custo, quer para manter ou aumentar a qualidade.



Nilsinho e Marina Gomes



azsdsa



Barbara Moreira

O evento 'Expansão Empresarial', liderado por Marina e Nilsinho Gomes, uma oportunidade de conhecimento sobre ferramentas de fortalecimento que aprimoram a união entre gestores e colaboradores, segue a todo vapor até sábado no Hotel Luzeiros, com intensa programação



Carol Gonçalves



André Vasconcelos, Nisinho Gomes, Osmar Neres e Felipe Plantier



Com um olhar atento à saúde e ao bem-estar, Maurício Rabelo Muniz vem se destacando no cenário da fisioterapia. Formado pelo CEST, ele alia conhecimento técnico e sensibilidade no cuidado com os pacientes, oferecendo atendimento em massoterapia clínica, quiropraxia e fisioterapia especializada. Recentemente, passou a integrar a equipe da clínica FonoMult, na unidade Cohab, onde realiza atendimentos às terças e quintas-feiras. Além disso, mantém sua agenda de atendimentos domiciliares, levando toda sua expertise